

## Editorial

### O PASSADO QUE NÓS VEMOS, O PASSADO QUE NOS OLHA DE VOLTA

#### THE PAST WE SEE, THE PAST THAT LOOK BACK AT US

Matheus Treuk Medeiros de Araujo<sup>1</sup>

“O passado é um país estrangeiro.”

E é mesmo? Sem dúvida, o título da obra seminal de David Lowenthal (1985) traz uma importante constatação: devemos sempre encarar as sociedades passadas com o olhar de antropólogo, evitando generalizações sobre o tempo pregresso. É necessário, portanto, admitir a singularidade de cada época e de cada momento da história e resistir às pretensões universalistas que tentam conformar cada período histórico a um único enquadramento teórico.

No entanto, “o passado” também “é um país estrangeiro remodelado pelo hoje, tendo sua estranheza domesticada por nossa própria forma de cuidar de seus vestígios” (LOWENTHAL, 2015, p.4). E, dessa forma, o passado pode ser um espaço familiar, sobretudo quando é observado pelo investigador que, atento aos conflitos e comoções do presente, passa a identificar noutros tempos situações só há pouco reconhecíveis, e que, portanto, passaram despercebidas aos intérpretes de outras gerações. Novos passados nos encaram a cada novo presente.

---

<sup>1</sup> Professor de Arqueologia da Antiguidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e subeditor da NEARCO.

História “Antiga” e “Medieval”, recortes cronológicos tão distantes de nós no tempo, não deixam de ser também o palco de disputas e reivindicações que encontram ecos bastante vivos no presente. E isso é particularmente verdadeiro das contribuições desta nova edição da NEARCO, 2024, em dois volumes (2024.1 e 2024.2), como veremos adiante.

Vivemos, nestes céleres anos 2020, cenários distópicos no âmbito da política internacional, incluindo um retorno ao imperialismo agressivo e territorial por parte das principais potências bélicas mundiais, o fim dos pactos que haviam sedimentado a nova ordem pós-Guerra Fria e o avanço avassalador da violência contra civis no Oriente Médio, no leste europeu e no Sudão – para mencionar alguns dos casos que fizeram mais vítimas. Governos extremistas se difundem sem freios e os líderes de diversos países se entregam à violenta retórica de acusações pessoais e de rechaço aos imigrantes e às minorias. Bilionários (e até trilionários!) desafiam autoridades de países do Sul Global, inclusive no Brasil, e se valem de empresas de tecnologia para convencer os civis de sua causa, muitas vezes enfraquecendo a soberania de nações mais vulneráveis. A inteligência artificial (“IA”) ameaça redesenhar a relação de forças econômicas entre Norte e Sul Global, acentuando as desigualdades que já geravam obstáculos à emancipação de nossa sociedade.

Por outro lado, movimentos de resistência e novas consciências sociais são gestadas na seara ambiental e dos direitos dos animais. Pensar a possibilidade de um mundo em colapso, como se torna cada vez mais evidente através da degradação ambiental antropogênica, é também refletir sobre o destino entrelaçado de humanos, animais e planeta, bem como a gestão de um tempo ora dito “Antropoceno” (CHAKRABARTY, 2013; 2018). Ademais, o advento da IA generativa nos faz finalmente conceber realidades concretas de “produção ciborgue”, para retomar a alegoria de Donna Haraway (2009). O desencanto com o dogmatismo religioso e conservador cria bolsões de pensamento crítico e alguns ensaios de transformação que têm origem no pensamento informado, ousado e independente.

Ainda assim, mesmo nas esferas da vida cotidiana, a uniformização do pensamento grassa a passos largos. Movimentos de massa impulsionados por notícias falsas da internet e o controle assimétrico de recursos de IA põem em risco a diversidade

da linguagem, do raciocínio e do exercício da crítica. É por isso que devemos sempre celebrar a produção historiográfica em seu potencial de abrir veredas e construir caminhos alternativos a um presente talvez deveras desolador.

Há, no passado que vemos, um passado que nos retorna o olhar (DIDI-HUBERMAN, 1998): algo de inquietante se move dentro de nós quando aquilo que investigamos revela carências ou ansiedades latentes no presente. E esse movimento, essa troca de olhares, é algo produtivo e potencialmente transformador, uma alternativa à desolação. Neste volume, creio que o leitor terá a oportunidade de assistir à história como um inventário de situações que nos permitem repensar o presente de forma produtiva.

P. H. Affonso de Paula, em *Cães na Religião e nos Mitos Gregos Antigos*, dá a devida atenção a uma temática que tem ganhado cada vez mais força na historiografia, o estudo dos animais no passado, seja no cotidiano, seja na esfera das representações. Não por acaso, esse estudo se insere no contexto em que assistimos ao advento de preocupações pós-humanas sob a consciência de um tempo ora dito Antropoceno.

A era das finanças e do capitalismo financeiro alimenta a curiosidade sobre como os mediadores financeiros podem ter atuado em outros momentos históricos. Indo de encontro a preocupações do presente, Ian Cartaxo, em *A Crise na Roma do século I AEC e as Finanças*, traz à luz uma problemática que evidencia relações de poder político e econômico em nível social e estatal na Roma Antiga, expondo as raízes comprometidas das finanças com um sistema social aristocrático e conservador – ancorado em valores específicos da sociedade romana quanto ao mundo do trabalho.

Uilson Melo Barbosa Monteiro, por sua vez, oferece um artigo (*Entre a cruz e a cor*) em tom de manifesto, no qual contesta a representação do Cristo branco e a situa em seu contexto histórico e político racista e excludente, expressando reivindicações de uma sociedade que se deseja mais plural.

Importante é também a reflexão proporcionada por Sidney de Souza Barros sobre a *tribunícia potestas* e sua representatividade política no governo de Augusto. Barros discute de forma sofisticada como a inserção da *tribunícia potestas* entre os poderes desempenhados por Augusto refletiria um apelo ao apoio do segmento social

plebeu, deslocando o olhar das disputas aristocráticas para a compreensão do Principado.

Gustavo H. S. S. Sartin oferece um reexame da trajetória histórica de Lefkandi, lançando luz sobre um período tão frequentemente negligenciado sob a alcunha de “trevas”. Num mundo interconectado e, ainda assim, de crescente oposição à mobilidade de grupos menos favorecidos, não é à toa que Gustavo Sartin volta o olhar à recuperação do comércio e das conexões a partir da evidência funerária de Lefkandi no final da Era do Ferro.

Eduardo Rodrigues, por sua vez, examinado atos divinatórios dos heróis da Ilíada, nos fornece um estudo sobre formas de pensamento inspiradas e mágicas através da épica, intitulado *Adivinhação inspirada na Ilíada, o caso de Pátroclo e Heitor*. Observar formas de pensamento mágico, sobrenatural ou inspirado não deixa de ser uma maneira de superar o foco tão contraditório nas manifestações da racionalidade grega.

Paulo Renato Silva de Andrade, no artigo *Ighfir Li: uma análise do panorama devocional pré e proto-islâmico a partir de fontes epigráficas árabes (séc. I – viii e.c.)*, nos brinda com uma rara abordagem dos grafitti proto-islâmicos das fontes árabes, examinando seus principais elementos estruturais, os temas abordados e eventuais dados devocionais. Aqui também vemos como a produção historiográfica brasileira passa a se debruçar cada vez mais sobre cenários não-europeus, abandonando vieses puramente eurocêntricos em favor de uma historiografia plural.

Por fim, Gustavo Luiz Frigotto, em *Por que estudar a Escócia Medieval?*, defende o estudo do passado da Escócia medieval por historiadores brasileiros e a superação de vieses centrados apenas nos ricos países da Europa como França e Inglaterra, em favor de uma região por muito tempo hegemônica pelo imperialismo inglês. Para tanto, Frigotto não apenas aborda alguns dos principais episódios da história medieval escocesa, como também discute sua representação midiática e oferece uma relação de fontes históricas para serem trabalhadas pelos pesquisadores.

Todos esses trabalhos são oferecidos ao leitor como demonstração de que a pesquisa historiográfica continua a contribuir para repensar as nossas circunstâncias e condições a partir de um engajamento crítico com o passado. Convidamos o leitor a

deparar-se com este passado, que necessariamente o encarará de volta.

## REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1998.

CHAKRABARTY, Dipesh. Anthropocene Time. *History and Theory*, v. 1, n. 57, p. 5-32, 2018.

CHAKRABARTY, Dipesh. O clima da história: quatro teses. Tradução de Denise Bottmann, Fernanda Ligocky, Diego Ambrosini, Pedro Novaes, Cristiano Rodrigues, Lucas Santos, Regina Félix e Leandro Durazzo. *Sopro*, n. 91, p. 4-22, 2013. Disponível em: <https://www.culturaebarbarie.org/sopro/n91s.pdf>. Acesso em: 29 de dezembro de 2024.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. (org.) *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Minas Gerais: Autêntica, 2009, p. 33-118.

LOWENTHAL, David. *The past is a foreign country, revisited*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.